

IMPLICAÇÕES ESTÉTICAS DO PENSAMENTO CARTESIANO

Leosino Bizinoto Macedo*

Resumo

Perguntando pela possibilidade da caracterização de Descartes como esteta, o presente artigo, enquanto nega esta possibilidade, discute sobre as implicações estéticas de seu racionalismo, considerando, para esse fim, a perspectiva cartesiana delineada em *Compendium Musicae* na direção do Discurso do Método.

É impossível a qualquer leitor medianamente instruído ignorar Descartes. Muito se escreve sobre ele e isto se deve ao fato de ser enorme sua contribuição ao pensamento filosófico ocidental. Um aspecto dessa contribuição, raramente abordado pelos estudiosos (talvez pelo fato de o próprio Descartes, em nenhum lugar de sua obra, explicitamente dele se ocupar), são as implicações estéticas do seu pensamento. É disto que nos ocuparemos neste trabalho.

Eis a questão com a qual nos defrontamos: Descartes é um esteta?

Para responder, deixemo-nos primeiramente guiar pela aparência mais imediata. Se, por esteta, entendemos aquela pessoa que é versada em estética, precisamos responder que *sim*. De fato, temos notícia de que Descartes escreveu uma obra denominada *Compendium Musicae* (*Abrégé de la Musique*). Escreveria sobre música alguém não versado em música? Parece óbvio que não. Daí a resposta: *sim*, Descartes é um esteta.

Ledo engano!

Transcorre o inverno de 1618/19. Para vencer o tédio, Descartes, jovem com pouco mais de vinte anos, tendo já renunciado à carreira militar, mergulha de corpo e alma em seus trabalhos matemáticos. É desse esforço que resulta o *Compendium Musicae*, obra dedicada a Isaac Beeckman, jovem médico holandês, apaixonado pela física-matemática.

Frisemos o detalhe: Descartes mergulha de corpo e alma em seus trabalhos matemáticos e, desse esforço, resulta o *Compendium Musicae*. Esta observação contribui para desvanecer aquela aparência. Descartes não é esteta.

* Professor do Departamento de Direito da Universidade Federal de Uberlândia.

Incrível, não?

Raymond Bayer ajuda-nos a entender isto:

"Sente-se que Descartes foi principalmente interessada pelas leis matemáticas a que a música obedece: técnica e física dos sons, acordes, consonâncias e dissonâncias".¹

Portanto, Descartes bem que parece, mas não é um esteta! Em *Compendium Musicae*, na verdade, Descartes não se mostra versado em música. Ele se mostra versado em matemática. Perguntamos há pouco: "Descartes é um esteta?" Vencida a aparência, devemos responder agora: não, Descartes não é esteta.

O que é Descartes, então?

Descartes é matemático. Sabemos que, desde os tempos do colégio jesuíta de La Flèche, Descartes deixa-se seduzir pelas matemáticas e por todos os conhecimentos que dependem das noções de número e medida. Mais tarde, no *Discurso do Método*, ele escreve: "Comprazia-me sobretudo com as Matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões".²

Descartes é filósofo. Duas de suas verificações, que o surpreendem, descortinam-lhe o horizonte da filosofia: a primeira é que a despeito de sua solidez e de seu perfeito encadeamento, as matemáticas oferecem fundamento apenas ao campo das artes mecânicas; a segunda é que, a despeito de sua enorme riqueza racional, as matemáticas não ensinavam nada de fundamental para os problemas da vida, que permaneciam objetos de especulações vagas.

Descartes é psicólogo. O *Compendium Musicae* é, também um tratado psicológico. O modo como Descartes põe o problema nesse tratado coloca seu conteúdo em sintonia com sua teoria das paixões: ele faz do sentimento musical uma paixão. Sobre isso, Bayer comenta:

"Até os racionalistas são obrigados a reconhecer que o fim de todas as artes, e portanto da música, é agradar, proporcionando uma atração sobre a sensibilidade, um agrado. Não é apenas um prazer em si, a concordância entre o objeto exterior e o que ele exige; é a concordância entre a energia e nós próprios que deve suscitar em nós diferentes paixões".³

1. Cf. *História da Estética*, p. 136.

2. René DESCARTES, *Discurso do Método* In: *Os Pensadores*, p. 32.

3. Cf. *História da Estética*, p. 136.

Descartes é, então, matemático, filósofo e psicólogo. Não é um esteta.

Perguntamos: é Descartes um esteta? Primeiro, respondemos *sim*. Depois, respondemos *não*. Sim e *não*, no entanto, são apenas aspectos da mesma realidade. Deixemos, pois, que a verdade supere a antítese.

Concedamos que o *Abrégé de la Musique* tenha apenas aparência de um tratado de estética. Concedamos, também, que ele apenas responda às cartesianas preocupações com a matemática e, de fato, ele seja um tratado científico. Porém, precisamos ir mais longe. Se é um estudo matemático que não visa diretamente a problemas estéticos, o *Compendium Musicae* pode, por outro lado, prestar-se a interpretações estéticas.

Bayer nos ajuda, se bem que com rápidas palavras, a explicitar melhor a tese que Descartes defende em seu *Abrégé de la Musique*:

*“O meio da música é o som. Distinguimos no som a duração, a intensidade, a altura. Descartes segue esta divisão e começa pelo estudo da duração, do compasso e do ritmo e procura qual deve ser a natureza dos tempos, da duração dos sons, dos compassos. Põe assim o problema: segundo ele, faz-se um cálculo interior; adicionamos os tempos cuja proporção é facilmente percebida; há um eu que conhece, e um entendimento que adiciona; os ecos do sentimento subsistem. A fusão, operação puramente intelectual, existe já em Descartes. Este formula uma lei psicofisiológica muito importante: os gestos, os movimentos regulados do nosso corpo, dividem o tempo. O som forte abala mais facilmente os espíritos animais, o que excita todo o corpo e o dispõe a mover-se. Qualquer espécie de modificação intensa da alma é acompanhada de movimentos e traduz-se em última análise em movimentos”.*⁴

Descartes não é esteta, mas seu pensamento tem implicações estéticas. Ele é o primeiro teórico que os estetas do século XVII reconhecem. Pai do racionalismo moderno, Descartes é, sobretudo, consciência de seu tempo. A raiz de todo o classicismo racionalista encontra-se no *Discurso do Método*. Mais precisamente, numa das famosas regras para a direção espírito:

“...jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e

4. Cf. *História da Estética*, p. 136.

tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida".⁵

Embora reconhecido como o primeiro teórico pelos estetas do século XVII, Descartes não é esteta. De fato, ele não se ocupou explicitamente, em nenhuma parte de sua obra, da filosofia da arte. Mas seu pensamento tem implicações estéticas. De sua metafísica, pode-se extrair uma teoria do belo. Bayer faz uma observação interessante:

"Descartes pensa no belo, não no sublime, nem no cômico, como não pensa no feio ou no característico em que entram elementos aberrantes. Um objeto é tanto mais belo quanto menos diferentes uns dos outros são seus elementos e quanto mais proporção há entre eles. Esta proporção deve ser aritmética e não geométrica"⁶.

Percebe-se claramente que Descartes assimilou a doutrina aristotélica da beleza como simetria. Mas de outro ponto de vista: o aritmético, não o geométrico.

Além disso, na imitação da verdade, Descartes vê a missão moralizadora da arte. A razão é seu instrumento. Desse modo, o único critério da verdade é a própria verdade. Mas com um detalhe bem cartesiano: só a verdade matemática e física se impõem a nós.

A grande questão do cartesianismo, como de todo racionalismo é o erro, cujas causas são inerentes à própria razão. Nós conduzimos mal nossa razão. Assim, numa possível estética cartesiana, paralelamente, o feio seria o extraordinário. O ponto de partida de Descartes é o puro racionalismo. No entanto, ele se deu conta de que, perante um objeto aprazível, algo nos atinge com grande facilidade, apesar de resistir à apreensão. Daí o deleite. Sim, com facilidade. Mas é necessário que não nos atinja com tanta facilidade como ocorre com o gracioso. Sim, com grande facilidade. Porém, mister se faz pequena luta. Algum esforço. Diz Bayer:

"entre os objetos e cada sentido, o mais deleitável dos objetos e o mais agradável à alma é o que não é tão fácil que não deixe qualquer coisa a desejar a paixão com que os sentidos costumam dirigir-se para os seus objetos, mas não tão difícil que os faça sofrer. Mas este caráter do aprazível está em contradição com a ausência de confusão".⁷

5. R. DESCARTES, Discurso do Método In: *Os Pensadores*, p. 37.

6. Cf. *História da Estética*, p. 135.

7. Cf. *História da Estética*, p. 135.

Há casos em que os elementos que compõem o objeto aprazível existem em maior número. Então, a relação desses elementos com a unidade é mais complexa e exige um trabalho intelectual.

Há também graus. Além de certo esforço para a apreensão do belo, Descartes exige que o objeto seja claro e distinto. Todavia, necessário é que reste ainda qualquer coisa para desejar: algo que paire além do que podemos apreender do objeto. Desse modo, o belo não exaure todas as possibilidades. Há nele um componente inassimilável, inapreensível totalmente. É como se na obra de arte permanecesse algo escondido. O gênio do artista, talvez. É por isso que nem mesmo o artista pode, freqüentemente, explicar a própria obra. Isto que resta, este *não sei quê* constitui o essencial da arte: é o belo.

O que é, então, para Descartes, o belo? O belo é *esse não sei quê* que ninguém nunca saberá o que é, pois varia conforme o país: "Verdade para além Pireneus...".

Descartes, no seu *Abrégé de la Musique*, prenuncia Kant e o primado do *gosto* sobre a idéia platônica do belo. Todavia, insistamos, Descartes não escreveu propriamente uma estética. D'Allones defende esse ponto de vista. Aliás, apresenta até uma justificativa para o fato. Segundo ele, Descartes deixou de construir uma estética não por indolência ou falta de tempo, mas porque, para ele, era impossível unir "os sentidos e o entendimento, a faculdade de perceber e a faculdade de julgar".⁸ As conclusões de Descartes e de Kant, nesse particular, são, todavia, contrárias.

Descartes não é esteta. Nada impede, porém, nosso reconhecimento de que seu *Compendium Musicae* contenha teorias que precedem, inclusive, as modernas teorias da música, como a de Hanslick. Segundo estas teorias, a música é incapaz de exprimir seja o que for a não ser a si mesma. Ela é, quando muito, um fator de excitação ou de depressão. Só o caráter dinâmico é primitivo e o músico guia-nos nas associações pelo seu título e pelos seus movimentos.

Descartes insiste na variedade dos compassos; para ele, um compasso produz uma impressão de paixões lentas: tristeza, receio, orgulho.

Descartes não é esteta. Nada impede, porém, que em seu *Discurso do Método* possamos perceber a identificação entre o domínio do belo e o domínio do verdadeiro. O prazer sensível está sujeito a leis. Por esta razão, também os sentidos são racionais.

Mas, é complicado isso! Se, num momento Descartes identifica os dois domínios, noutro, ele separa as noções de beleza e de verdade. Como vimos,

8. Cf. Olivier REVAULT D'ALLONES, *Revue de Sciences Humaines*, janeiro de 1951, p. 15.

o belo nos alcança com peculiar facilidade: é aquele *não sei quê* cuja percepção o racionalismo cartesiano não teve como negar.

É provável que todos nós conheçamos o dualismo no qual Descartes se debateu: dividiu o ser humano em alma e corpo, pensamento e extensão. Apesar do racionalismo, impressionou-o deveras o papel que o aspecto fisiológico do ser desempenha no processo psicológico em geral e, de modo especial, no fenômeno estético.

A estética encontra-se, assim, a meio caminho dos dois domínios. Do ponto de vista fisiológico, é considerada na ótica e na acústica. No âmbito da acústica, representa a passagem do pensamento à extensão. Fruto de um extravasamento, a paixão não cinde os dois domínios.

A cartada cartesiana decisiva na solução da antinomia em que seu pensamento se enredou, perfeitamente válida para a estética, foi ele ter mostrado que, basicamente, o domínio da extensão está sujeito às mesmas leis que o domínio do pensamento. Assim, não há mais separação entre alma e corpo. Assim, não há mais separação entre o psíquico e o fisiológico. Os sentidos tornam-se inteligentes e racionais. Eles não reagem somente de maneira espontânea, mas calculam. Eles são uma espécie de razão inconsciente.

BIBLIOGRAFIA

BAYER, R. *História da Estética*. Trad. José Saramago. Lisboa, Ed. Estampa, 1979.

DESCARTES R. *Discurso do Método*. Trad. Elza Moreira Marcelina. Brasília, Universidade de Brasília, 1985.

REVAULT D'ALLONES, Olivier. *Revue de Sciences Humaines*. Lille, janeiro, 1951.